

## **OS LUGARES DOS LIVROS E DOS LEITORES NO COLÉGIO FARROUPILHA: A TRAJETÓRIA DE UMA BIBLIOTECA ESCOLAR (PORTO ALEGRE/RS, 1968-1988)**

ROBERTA BARBOSA DOS SANTOS\*

### **Introdução**

Este estudo apresenta uma investigação sobre as memórias da biblioteca escolar do Colégio Farroupilha, pertencente à rede privada da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, do período de 1968 a 1988. Inscreve-se no campo da História da Educação e assenta-se nos postulados da História Cultural, em especial da história da cultura escrita, tendo como inspiração estudos acerca da história das bibliotecas e da leitura, desenvolvidos por autores como Umberto Eco e Roger Chartier, dentre outros.

Tendo a História Oral como metodologia, foram realizadas entrevistas, no ano de 2014, com a diretora do colégio, que, em 1968, idealizou o projeto de biblioteca Manoelito de Ornellas, e é considerada grande entusiasta da mesma; com a primeira bibliotecária e com um ex-aluno da instituição. Além disso, foi realizada uma análise documental a partir de diversos artefatos encontrados em visitas à biblioteca Manoelito de Ornellas e ao Memorial do Colégio Farroupilha: enquetes sobre as preferências de leituras dos alunos, e balanços dos leitores mais assíduos, entre outros documentos, serviram de suporte para compreender um pouco da trajetória da biblioteca e da repercussão que a mesma exerceu no cotidiano desta comunidade escolar.

Tomando a biblioteca como um lugar de pesquisa e conservação do saber coletivo por meio do escrito, este estudo toma como base a afirmativa de Umberto Eco (2010) ao defender que a mesma teve seu passado e terá seu futuro dedicado ao livro e sua conservação, o que a torna um templo da memória vegetal. Para Eco, “uma biblioteca é a melhor imitação possível, por meios humanos, de uma mente divina, onde o universo inteiro é visto e compreendido ao mesmo tempo” (ECO, 2003, s/p).

Partindo desta concepção, o estudo toma a biblioteca como disseminadora das práticas de leitura dos alunos do Colégio Farroupilha e busca investigar suas memórias e os usos feitos por sua comunidade escolar entre 1968 e 1988.

---

\* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O marco inicial que configura a temporalidade desta pesquisa, é a construção da Biblioteca Manoelito de Ornellas, como biblioteca oficial da nova sede do Colégio Farroupilha. Ainda assim, alguns documentos e depoimentos dos entrevistados apontam a existência de uma biblioteca anterior, ainda em uma primeira sede da instituição.

A seguir, apresento uma pequena análise da trajetória das bibliotecas escolares no Brasil. Os dois capítulos seguintes narram as memórias da biblioteca do Colégio Farroupilha em duas fases: antes e depois da criação da Biblioteca Manoelito de Ornellas. Posteriormente, apresento um pouco da relação dos alunos com a biblioteca, em uma análise às suas práticas de leitura. Por fim, são tecidas algumas considerações sobre esta análise.

### **Um pouco da trajetória das bibliotecas no Brasil**

No final do século XIX, começaram a ser difundidos no Brasil os discursos de renovação da escola brasileira com os ideais da Escola Nova. O modelo de escola tradicional seria substituído pelo *novo* trazido pelo movimento do escolanovismo. Conforme Diana Vidal (2000), o aluno se tornaria centro do processo educativo, tendo assegurado o respeito à sua individualidade e a garantia de uma classe homogênea.

Ao menos teoricamente, o ideal da Escola Nova foi, aos poucos, introduzindo o aluno como protagonista no processo educativo, tendo como uma das consequências sua maior inserção no espaço da biblioteca escolar e interação com os livros, onde o aluno, enquanto leitor, poderia ter acesso aos livros, manuseá-los, levá-los para casa. Ana Maria Polke sinaliza que, ao passar por reformas no ensino, o país buscava ajustar-se a esta nova concepção de educação, estando a biblioteca escolar a firmar-se “definitivamente como extensão natural da sala de aula” (POLKE, 1973, p.64). O ideário escolanovista foi, aos poucos, transformando a biblioteca escolar em um local de troca, diálogo e interação.

Luciano de Faria Filho e Diana Vidal reafirmam este novo papel da biblioteca no espaço escolar alegando que “as bibliotecas e os museus escolares eram revalorizados. (...) em vez de lugares de frequência, (...) passavam também a espaços de experimentação” (FARIA FILHO; VIDAL, 2000, p.29).

De um modo geral, pode-se dizer que as bibliotecas escolares no Brasil trilharam um caminho repleto de transformações até chegar ao modelo que se conhece hoje. Sua função inicialmente “ornamental”, passou a atender professores, até, finalmente, chegar aos alunos.

### **O lugar do livro no “Velho Casarão”**

Para tecer esta narrativa sobre a biblioteca escolar do Colégio Farroupilha, recorro às memórias daqueles que fizeram parte de distintos momentos de sua história: a ex-aluna, ex-professora e a ex-diretora Vera Matte, que atuou na gestão do colégio de 1967 a 1988 e foi a grande entusiasta da criação da biblioteca; Vivian Ambros, uma das primeiras bibliotecárias, tendo atuado na instituição de 1968 a 2000, Vera Merlo, outra bibliotecária, que atuou de 1976 a 2011; e Luiz Carlos Petry, ex-aluno e frequentador da biblioteca, que estudou na escola entre 1951 e 1962.

Maria Teresa Santos Cunha ressalta que ao lidar com narrativas de memórias, deve-se considerar que

*elas tendem a descrever o passado em termos românticos e nostálgicos e, como a época rememorada se refere a um dado momento da vida, parece compreensível que sejam percebidas e descritas de forma idílica, projetando uma imagem de coerência interna, de harmonia. Daí dizer-se que o passado 'é uma representação, que pode se valer da imaginação e da fantasia' (CUNHA, 1999, p.42).*

A autora defende ainda a necessidade do cruzamento de fontes, para “iluminar o objeto a partir de outros ângulos” (CUNHA, 1999, p.42). Sendo assim, uma análise documental neste estudo não seria suficiente para compreender as representações destas práticas de leitura em questão. Buscou-se, portanto, tentar compreender não só o contexto de produção e circulação destes documentos, mas também obter uma noção expandida de como estas práticas se constituíram através da escuta destas pessoas que estiveram intimamente ligadas à Biblioteca Maonoelito de Ornellas.

De acordo com o que foi relatado nas entrevistas, entende-se que na sede inicial do colégio, o *Velho Casarão*, como costuma ser chamado por aqueles que lá estudaram ou trabalharam, a biblioteca era um espaço composto, em sua maioria, por doações. Conforme fala de Vera Matte, relata suas lembranças dos tempos em que foi aluna e professora da instituição:

*Eu fui aluna do Colégio Farroupilha toda minha vida escolar, desde os meus sete anos, então o que eu me lembro de biblioteca foi assim, uma biblioteca em que os livros eram encapados com um tecido xadrezinho. Não me lembro de empréstimo; me lembro que a gente esporadicamente ia naquele local, onde também era a sala dos professores. Isso que eu me lembro é da biblioteca do colégio velho, como aluna. Depois, como professora [...], te confesso que nunca se falava em livros e em biblioteca. Eu não recordo. A gente recomendava muito o uso de livros que as crianças tinham em casa, que os pais propiciavam, mas da escola eu não recordo, e eu tenho quase certeza que eu nunca usei. Em primeiro lugar, a gente não tinha a estrutura*

*de biblioteca propriamente dita. (Entrevista realizada em fevereiro de 2014).*

Ao analisar sua fala, percebe-se que o livro fazia parte do cotidiano escolar, mas ainda de forma escassa, pois o acesso ao seu local de conservação era raro e era recomendado que alunos utilizassem os que possuíam em suas casas. O fato de o colégio abranger, em sua maioria, alunos filhos da burguesia alemã de Porto Alegre, provavelmente facilitou a utilização de livros que as crianças utilizassem na esfera doméstica.

A ex-diretora preocupa-se em enfatizar que havia uma biblioteca no seu tempo de aluna, entretanto, em suas memórias, não recorda da biblioteca anos mais tarde, quando já era docente do colégio. Este fato sugere um questionamento: teria Vera Matte esquecido de suas experiências na biblioteca neste período? Teria ela focado mais em sua vivência durante a criação da Biblioteca Manoelito de Ornellas, por ter sido realizada durante sua gestão? Maurice Halbwachs (1990) auxilia nesta problematização, ao afirmar que a memória é “movediça”, no sentido em que lembranças reais e fictícias perpassam o terreno das memórias.

Ecléa Bosi (1997), ao narrar suas experiências com memórias de velhos, explica que a veracidade dos relatos feitos por seus entrevistados não foi motivo de preocupação, pois “seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial”, estando seu interesse “*no que foi lembrado*, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida.” (BOSI, 1997, p.37)<sup>2</sup>.

Quanto ao constante uso de livros pelos alunos, como ela anuncia, possivelmente tem relação com o fato de o colégio abranger, em sua maioria, alunos filhos da burguesia alemã de Porto Alegre, provavelmente facilitou a utilização de livros que as crianças possuíam na esfera doméstica.

Luiz Carlos Petry também recorda seus tempos de aluno, entre 1951 e 1962, e narra suas lembranças sobre o espaço destinado aos livros no Colégio Farroupilha, ainda na sede antiga:

*Tinha um horário dedicado à biblioteca [...], como se fosse uma disciplina chamada “biblioteca”. Então íamos para lá e tinha um livro que a gente tinha que ficar lendo naqueles horários da semana [...]. E eu tenho uma frustração, porque eu estava lendo “Viagem à Lua”, do Júlio Verne, e não consegui terminar. Terminou o ano, e no ano seguinte não tinha [...]. E não era assim uma coisa muito intensa, eu tenho lembrança de que era de vez em quando, não era uma coisa super enfatizada, mas existia sim [...]. Depois eu li obviamente, depois de adulto. Aquilo me lembro que ficou um vazio na época. (Entrevista realizada em novembro de 2014).*

Luiz Carlos Petry traz um elemento novo à trajetória do livro no Colégio Farroupilha: segundo sua narrativa, existia um período no horário escolar destinado ao uso da biblioteca. Se Vera Matte diz que no seu tempo como aluna o acesso à biblioteca era esporádico, já Luiz Carlos Petry afirma que o uso daquele espaço era frequente. Importa reforçar que estamos tratando de pessoas com idades diferentes, ou seja, enquanto ele iniciava seus estudos em 1951, Vera Matte já havia iniciado uma década antes.

Conforme fala do ex-aluno, supõe-se que o uso da biblioteca repercutiu nos anos seguintes de sua vida, pois ele narra um vazio deixado por um livro, do qual não conseguiu concluir a leitura, realizando-a anos mais tarde, fora do ambiente escolar.

Outro ponto importante é o espaço da biblioteca, que, ao que parece, já não era dividido com a sala dos professores. Luiz Carlos Petry narra, usando as mãos para indicar a sua localização:

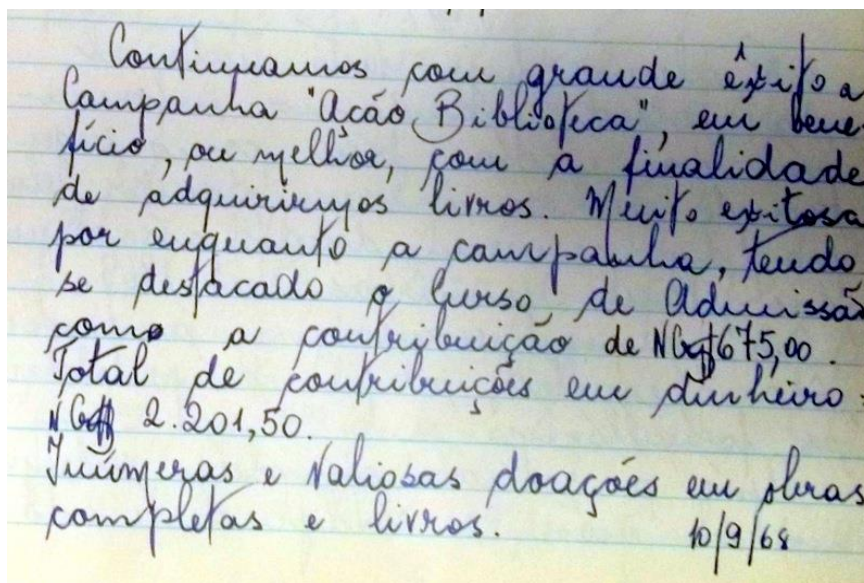
*Era uma peça relativamente pequena [...]. Lembro de umas prateleiras com livros, mesinhas para sentar e ler [...]. Naquele pátio central [...] onde tinha um mastro, no casarão. Passava o corredor principal, passava o relógio, tinha o mastro da bandeira, escada, aí era a biblioteca [...]. (Entrevista realizada em novembro de 2014).*

Neste lugar, conforme suas palavras, haviam prateleiras e mesas com cadeiras para sentar e desfrutar de momentos de leitura. Parece que, aos poucos, o lugar destinado aos livros foi sofrendo algumas mudanças, sendo a principal delas, procedente do investimento realizado no final da década de 1960. Como exemplos deste investimento, estão a arrecadação de dinheiro para compra de material e a aplicação de uma enquete sobre preferências de leitura dos alunos. Essas ações aconteceram após a mudança de sede do Colégio Farroupilha, resultando na construção da Biblioteca Manoelito de Ornellas, em 1968.

#### **A nova sede e a criação da nova biblioteca**

Em 1962, o colégio passou a ter sua sede no Bairro Três Figueiras, onde permanece até hoje. Seis anos mais tarde, seria criada a Biblioteca Manoelito de Ornellas.

Alguns meses antes desta criação, na gestão da diretora Vera Matte, deu-se início à “Ação Biblioteca”, campanha que visava a arrecadação de fundos para a construção do acervo de livros (figura 2). Segundo Vera Matte, as turmas realizavam uma competição no intuito de arrecadar uma maior quantidade de dinheiro, o que proporcionou uma imensa satisfação ao colégio.



Continuamos com grande êxito a Campanha "Ação Biblioteca", em benefício, ou melhor, com a finalidade de adquirirmos livros. Muito exitosa por enquanto a campanha, tendo se destacado o curso de Admissão com a contribuição de R\$ 675,00. Total de contribuições em dinheiro: R\$ 2.201,50. Inúmeras e valiosas doações em obras completas e livros. 10/9/68

Figura 1: Página do diário de Vera Matte  
Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha

No dia 12 de outubro de 1968, a nova biblioteca foi inaugurada e iniciou seu acervo com cerca de 5 mil livros. Alguns jornais registraram o evento (figura 3):

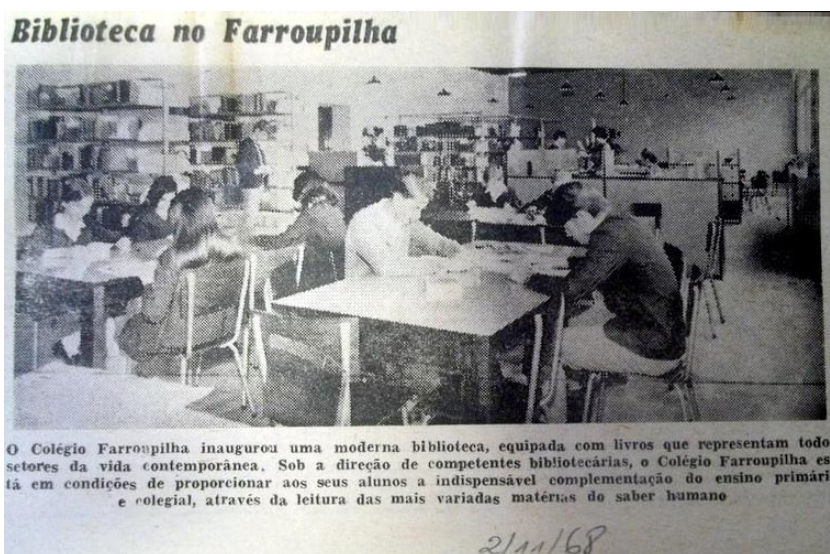


Figura 2: Nota em jornal sobre a inauguração da Biblioteca Manoelito de Ornellas  
Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha

Ao analisar a fotografia e a nota publicada em um jornal da época, lê-se que a biblioteca contava com a frequência de alunos de diferentes idades, possivelmente desejava-se reiterar que a mesma poderia ser utilizada por todos, embora a foto indique uma evidência de sexismo, pois meninos e meninas estão sentados em grupos separados. Cabe ressaltar que a fotografia pode não ter sido tirada espontaneamente, havendo alguma preparação feita pelo fotógrafo ou por quem solicitou a mesma. Em estudo de fotografias escolares, Rosa Fátima de Souza afirma que “a pose exagerada representa uma caricatura da disciplina escolar” (SOUZA, 2007, p.93), fato que pode ser pensado nesta imagem. A palavra “moderna”, na legenda, parece acompanhar as novas concepções pedagógicas já mencionadas, e a afirmativa de que os livros ali reunidos “representam todos os setores da vida contemporânea” mostra uma pretensão que parece acompanhá-la.

No ano seguinte à sua inauguração, foi realizada eleição para a escolha do patrono que daria nome à biblioteca, idealizada também pela professora Irene Petrik. Dentre os nomes sugeridos<sup>3</sup>, todos eram ligados à literatura do Rio Grande do Sul, e o escolhido por alunos, professores e demais funcionários foi Manoelito de Ornellas.

Para tentar compreender essa escolha, cabe lembrar que estamos tratando de um tempo que herda do Positivismo a prática de nomear instituições, ruas e cidades com nomes de *grandes homens*. Além disso, elege-se como patrono alguém identificado ao tradicionalismo gaúcho, escolha coerente com a história do colégio que, ao longo do século XX, assumiu uma identidade atrelada aos ideais nacionalistas com forte marca regional (ALMEIDA, 2014).

Em 1976, foi criada a Bibliotequinha, tendo em vista a importância de um atendimento diferenciado aos alunos de primeira a quarta série. Nela, além de espaço para leitura e setor de empréstimo, ainda hoje são realizadas atividades como hora do conto e teatro. Vera Merlo comenta este fato:

*A bibliotequinha foi criada no ano em que eu entrei na escola, surgiu da necessidade de separar os alunos pequenos a fim de dar um atendimento mais individualizado, pois era difícil atender e fazer atividades com eles e a biblioteca funcionando normalmente [...]. As atividades foram inseridas no horário escolar como se fosse uma aula especializada. (Entrevista realizada em abril de 2015).*

<sup>3</sup> Dentre os demais candidatos à patrono da biblioteca, estavam: Manoel de Araújo Pôrto Alegre, João Simões Lopes Neto, Francisco Vieira Caldas Jr., Alceu Wamosy e Alcides Castilho Maya.

Conforme informação dada pelo site da escola<sup>4</sup>, entre os anos de 1999 e 2001, a Biblioteca Manoelito de Ornellas teve seu espaço físico ampliado e modernizado, e conta, atualmente, com cerca de 50 mil volumes, dentre obras de referência e literatura, livros didáticos, jornais, periódicos, CD's e DVD's. Sendo tradição desde a inauguração do espaço, promove a Feira do Livro com atividades variadas dirigidas a todos os segmentos de ensino (figura 4).



Figura 4: Foto atual da Biblioteca Manoelito de Ornellas  
Fonte: Site do colégio Farroupilha

### **As representações do aluno-leitor na Biblioteca Manoelito de Ornellas**

Como argumenta Chartier, as condições para uma história das maneiras de ler são dificultadas “tanto pela raridade dos vestígios diretos quanto pela complexidade da interpretação dos indícios indiretos” (CHARTIER, 2001, p.77). Práticas de escrita costumam deixar mais rastros, que se fazem presentes e perceptíveis na vida cotidiana: encontram-se em cadernos, nos muros das cidades, em portas de banheiros, nas próprias margens de livros.

Já as pistas para uma história das práticas de leitura estão, muitas vezes, implícitas em documentos variados, transformando o pesquisador em uma espécie de *detetive*, percorrendo caminhos investigativos pouco trilhados, imergindo em uma caçada a estes rastros quase fugidios.

Jacques Le Goff (1990) propõe que “todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo”, ou seja, o historiador extrai dele uma informação baseada em

<sup>4</sup> [http://colegiofarroupilha.com.br/servicos/biblioteca/historia\\_da\\_biblioteca](http://colegiofarroupilha.com.br/servicos/biblioteca/historia_da_biblioteca) (acesso em dezembro de 2013).

sua época, em sua posição na sociedade e em sua organização mental, e o documento é, portanto, uma “mentira”, no sentido que atua como uma representação a ser interpretada (LE GOFF, 1990, p. 547).

Os documentos analisados são aqui tomados, portanto, como portadores de uma memória, que pode ser interpretada das mais variadas formas. Mais uma vez, busca-se realizar uma determinada interpretação, sem a pretensão de verdade absoluta.

Um destes documentos foi o resultado de uma enquete sobre preferências de leitura dos alunos, encaminhada à direção do colégio, realizada alguns meses antes da criação da Biblioteca Manoelito de Ornellas. A seguir, imagem de parte deste documento (figura 5) e sua transcrição:

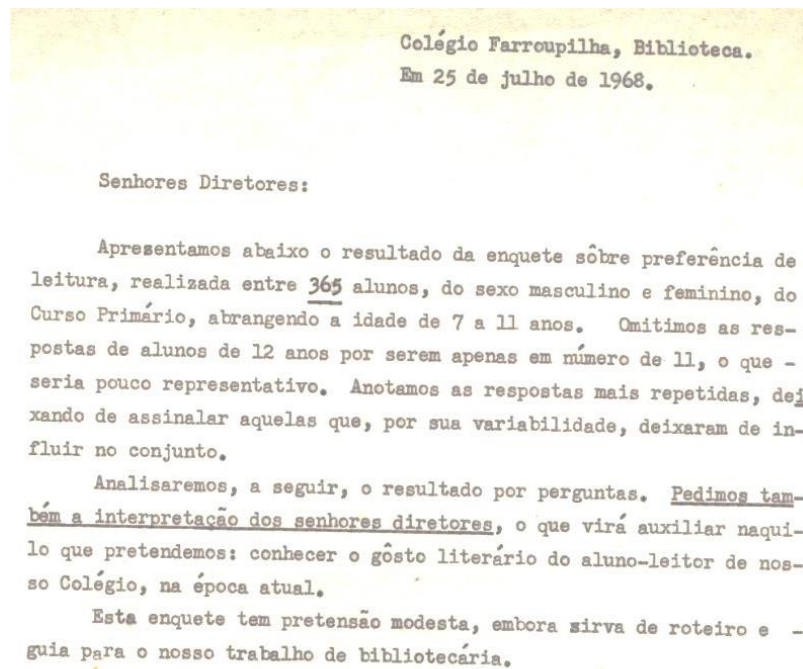


Figura 5: Apresentação da enquete sobre preferências de leitura  
Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha

*“Senhores Diretores:*

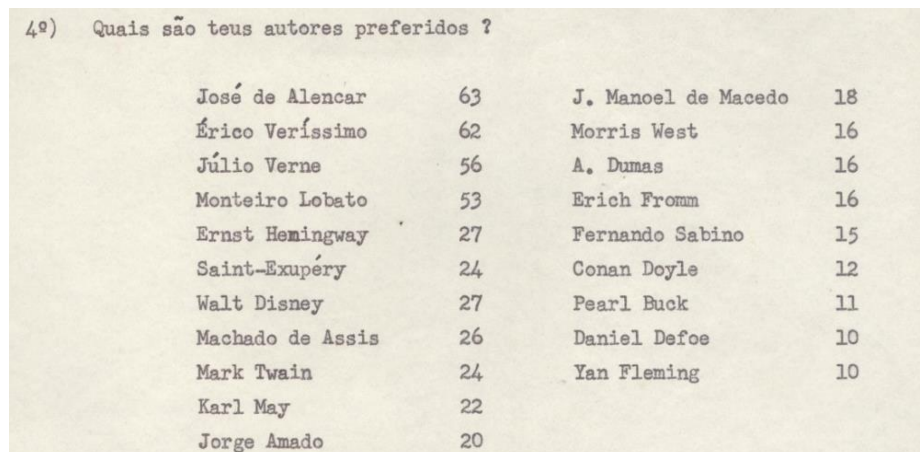
*Apresentamos abaixo o resultado da enquete sôbre preferência de leitura, realizada entre 365 alunos, do sexo masculino e feminino, do Curso Primário, abrangendo a idade de 7 a 11 anos. Omitimos as respostas de alunos de 12 anos por serem apenas em número de 11, o que seria pouco representativo. Anotamos as respostas mais repetidas, deixando de assinalar aquelas que, por sua variabilidade, deixaram de influir no conjunto.*

*Analisaremos, a seguir, o resultado por perguntas. Pedimos também a interpretação dos senhores diretores, o que virá auxiliar naquilo que pretendemos: conhecer o gosto literário do aluno-leitor de nosso Colégio, na época atual.*

*Esta enquete tem pretensão modesta, embora sirva de roteiro e guia para nosso trabalho de bibliotecária [...].”*

A ex-diretora não possuía nenhuma lembrança desta enquete no momento da entrevista, e a ex-bibliotecária ainda não era funcionária da instituição em sua fase de elaboração, o que dificulta uma análise esmiuçada de tal documento. O que se pode inferir é que o mesmo foi elaborado com vistas a criar um acervo baseado nas preferências dos alunos. Não se sabe, entretanto, de que forma a enquete foi aplicada, em que momento os alunos a responderam, se a levaram para casa, se responderam as questões oralmente, ou se as questões eram de múltipla escolha ou dissertativas.

Apesar do caráter lacunar, próprio de qualquer documento investigado, podem-se observar algumas questões. Os tópicos abaixo do texto referem-se às questões aplicadas aos alunos, como se observa na figura 6:



4º) Quais são teus autores preferidos ?			
José de Alencar	63	J. Manoel de Macedo	18
Érico Veríssimo	62	Morris West	16
Júlio Verne	56	A. Dumas	16
Monteiro Lobato	53	Erich Fromm	16
Ernst Hemingway	27	Fernando Sabino	15
Saint-Exupéry	24	Conan Doyle	12
Walt Disney	27	Pearl Buck	11
Machado de Assis	26	Daniel Defoe	10
Mark Twain	24	Yan Fleming	10
Karl May	22		
Jorge Amado	20		

Figura 6: Resultado geral da enquete  
Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha

Dentre outras perguntas, destacam-se às referentes a autores preferidos dos alunos. Cabe ressaltar que, dentre os autores mencionados no resultado da enquete, nem todos escreviam para o público infantil, outro fato que leva a considerar seu resultado um tanto duvidoso. Além disso, há apenas uma mulher na lista e são raros os autores brasileiros. Levando em conta a época e a idade do público em questão, há que se estranhar também os

poucos votos para Walt Disney, em relação a José de Alencar, por exemplo, que, ao que se conhece, não possuía obras dedicadas ao público infantil – como diversos outros autores mencionados na lista.

Para Peter Burke, “os historiadores culturais têm de praticar a crítica das fontes, perguntar por que um dado texto ou imagem veio a existir, e se, por exemplo, seu propósito era convencer o público a realizar alguma ação” (2008, p.33). Portanto, ao mesmo tempo em que se deve levar em conta o interesse do Colégio Farroupilha em conhecer melhor seus alunos na condição de público leitor, a fim de pensar em um acervo que valorizasse as preferências dos mesmos, faz-se necessário refletir sobre os meios pelos quais os entrevistados obtiveram conhecimento destes autores a ponto de tê-los elencado como seus *preferidos*.

Foram localizadas também 18 listas com nomes dos alunos dos diferentes graus de ensino que mais retiravam livros na biblioteca, datadas com os seguintes anos: 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1979, 1980, 1982 e 1988. Os títulos das listas variam entre “Leitores mais assíduos”, “Melhores leitores” e “Leitores premiados”. Percebe-se que algumas listas foram escritas à mão, enquanto outras, datilografadas.

Quem assina a maioria das listas analisadas é a ex-bibliotecária Vivian Ambros. Ela relatou que as mesmas foram criadas com o intuito de reconhecer, valorizar e incentivar o hábito da leitura na comunidade escolar.

Diante da impossibilidade de trazer aqui todas as 18 listas encontradas, são apresentadas, a seguir, três destas listas, no intuito de expressar um pouco da diversidade de informações nelas contidas.

Curso Científico  
Leitores mais assíduos  
(somente em 1970)

Jacqueline Fagundes	- 1ºA
Rosemarie dos Reis	- 2ºB
Amílcar Negrini	- 1ºA
Clitia Martins	- 1ºA
Silvana Jung	- 2ºB
Carmen Cordeiro	- 3ºC
Edelmar Liedke	- 2ºA
Irene Bender	- 1ºA
Elise Süffert	- 3ºC
Rogério Milagre	- 2ºB
Cristina Heuser	- 3ºA
Elisabeth Ritter	- 1ºA

Figura 7: “Leitores mais assíduos” do curso Científico em 1970  
Fonte: Memorial do Colégio Farrroupilha

A primeira lista (figura 7), datada de 1970, dois anos após a inauguração da nova biblioteca, está escrita à mão e apresenta uma pequena lista de doze “leitores mais assíduos” do curso científico, sem exaltar o critério de ordem em que os nomes foram elencados. Já a lista de 1980 (figura 8), datilografada, mostra um número maior de nomes, de 2ª a 6ª séries. Chama a atenção, entretanto, que a listagem de 1980, assim como em outros anos, inicia a partir da 2ª série, não apresentando alunos da 1ª série. Questionadas sobre a ausência de registros do primeiro ano nestas listas, nenhuma das três entrevistadas soube explicá-la, mas garantiram que sempre houve incentivo à leitura e hora do conto para estas turmas. Uma hipótese é pensar que o aluno do primeiro ano, na condição de alguém que somente ouve ler por não ser ainda alfabetizado, não era, portanto, considerado um leitor, de fato.

Relação dos leitores mais assíduos na Biblioteca em 1980.

<p><u>2a. A</u></p> <p>André Gonçalves da Silva                  Lars Karl Peuker                  Leandro Barata da Silva Brasil                  Luciano da Rocha Zardo                  Luciano Vanini Nunes                  Marco Andrei K. de Oliveira</p> <p><u>2a. B</u></p> <p>Clámaco de Oliveira Lopes                  Ely Carlos Petry Jr.                  Gullherme B. de Carvalho e Silva                  Marco Benatti Pilla</p> <p><u>2a. C</u></p>	<p><u>3a. C</u></p> <p>Adriane Stampe                  Ana Paula Barga Salatino                  Karen Ruzicki                  Lucas Weihmann                  Sandro Brame Ferreira</p> <p><u>3a. D</u></p> <p>Carlos Klein Zanini                  Deisi Collet                  Graziela Otto da Silva                  Luciana Bopp                  Luciane Wickert da Silveira                  Rafael Paiva Cabral</p> <p><u>4a. A</u></p>
--	--

Figura 8: “Relação dos leitores mais assíduos na Biblioteca em 1980”  
 Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha

Em 1988, quando a biblioteca Manoelito de Ornellas festejou seus 20 anos, os alunos destacados foram premiados com livros, conforme consta no documento (figura 9). Para Vivian Ambros, era uma forma de reconhecer e seguir incentivando a prática da leitura entre os alunos. Cumpre destacar que esta prática já era comum nas primeiras décadas do século XX, pois Diana Vidal aponta que “ao fim do ano letivo, como lembrança e convite à continuidade da leitura, livros eram distribuídos pelo Departamento de Educação, através da Biblioteca Central de Educação, aos alunos” (VIDAL, 2004, p.197).

COLÉGIO FARROUPILHA - ESCOLA DE 1º E 2º GRAUS  
 BIBLIOTECA MANOELITTO DE ORNELLAS - 20 ANOS

Relação de alunos premiados como leitores assíduos da Biblioteca e Bibliotequinha em 1988:

<p><u>2ª A</u></p> <p>Betina Siegmann                  Flávio Zanini</p> <p><u>2ª B</u></p> <p>Daniel Smitz                  Mariana Blacker</p> <p><u>2ª C</u></p> <p>Felipe Smith                  Tiago Friedrich</p>	<p><u>3ª D</u></p> <p>Ana Paula Lambert                  Ricardo Haag Martins                  Rodrigo Migliorin</p> <p><u>3ª E</u></p> <p>Patrick Lucchese</p> <p><u>4ª A</u></p> <p>Fernando Guaranha                  Roberta Thys</p>	<p><u>6ª E</u></p> <p>Tomas Black</p> <p><u>7ª D</u></p> <p>Cláudia Soares                  Viviane Alles                  Tiago Petry</p> <p><u>3ª A / 2º Grau</u></p> <p>Patrícia Arenson                  Rodrigo Rotta</p>
--	---	--

Figura 9: Alunos premiados em 1988

Fonte: Memorial do Colégio Farroupilha

Vera Merlo explica como ocorria esta premiação, e complementa a fala de Vivian Ambros:

*Premiávamos os com maior número e menos devoluções atrasadas. Os alunos adoravam, o prêmio era sempre um livro adequado à faixa etária do aluno [...]. O objetivo era uma forma de cativar os leitores, valorizar os que liam e tentar chamar a atenção dos outros. Fazíamos uma solenidade na biblioteca para a entrega dos prêmios[...]. Alguns alunos retiravam livros apenas com o objetivo de ganhar o prêmio. Mas o contato direto com os alunos nos possibilitava perceber os “mal intencionados”. (Entrevista realizada em abril de 2015).*

A narrativa das ex-bibliotecárias relata a interrupção de uma prática que possibilitou conhecer uma parcela do público que utilizava a Biblioteca Manoelito de Ornellas, pois ficou registrado nestas listas quem eram os leitores que a biblioteca reconhecia e legitimava. O fato de alguns alunos retirarem livros apenas para aparecerem nos levantamentos demonstra a questão de *status* que era fazer parte destas listas.

### **Considerações Finais**

Jorge Luis Borges (1960) afirmou, certa vez, que a biblioteca representa, para ele, uma espécie de paraíso. Possivelmente, o mesmo é possível afirmar destas pessoas que fizeram parte desta história, devido à satisfação e brilho em seus olhos ao narrarem suas experiências e encantamentos com a Biblioteca Manoelito de Ornellas.

Ao lidar com narrativas de memória, são múltiplas as histórias que se revelam; são múltiplos os sentidos atribuídos a uma dada situação. Este estudo pretendeu escutar estas histórias de forma sensível, buscando captar dos documentos oficiais da Biblioteca Manoelito de Ornellas e dos relatos dos sujeitos envolvidos em seu processo de construção (documentos, da mesma forma), como ela atuou em suas experiência escolares.

A preocupação com a veracidade e autenticidade dos relatos, aqui, cede lugar às significações pessoais que cada um manteve com o livro e seu local de conservação ao longo de duas décadas, constituindo uma história desta biblioteca, que pode ser narrada de diferentes formas, sob as lentes de diferentes sujeitos que a constituíram como tal.

### **Referências**

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. As marcas do novo: do Colégio Alemão ao Colégio Farroupilha. In: QUADROS, Claudemir de (org.). **Uma gota amarga**: itinerários da nacionalização do ensino no Brasil. Santa Maria: UFSM, 2014.

BORGES, Jorge Luis. Poema de los dones. In: **El hacedor**. Madri: Alianza Editorial, 1960.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo, Estação Liberdade, 2001.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Nas margens do instituído: memória/educação. **Revista História da Educação**, Pelotas, n. 5, p. 23-38, abr. 1999.

ECO, Umberto. Muito Além da Internet. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 14 de dezembro de 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1412200304.htm>> Acesso em: jun/2014

\_\_\_\_\_. **A memória vegetal**: e outros escritos sobre bibliofilia. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 19-34, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

POLKE, Ana Maria. A biblioteca escolar e o seu papel na formação de hábitos de leitura. In: **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**. v. 2, n. 1, mar. 1973.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-189.

VIDAL, Diana. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VIDAL, Diana Gonçalves. Bibliotecas escolares: experiências escolanovistas nos anos de 1920 – 1930. In: MENEZES, Maria Cristina (org.). **Educação, memória, história**: possibilidades, leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2004.